

DO CONDICIONAMENTO CONTEXTUAL AO FRAGMENTO DE SINAL: UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO DE PRONÚNCIA EM INTERAÇÕES ESPONTÂNEAS E ENTREVISTAS EM LIBRAS

FROM CONTEXTUAL CONDITIONING TO SIGNAL FRAGMENT: AN ANALYSIS OF PRONUNCIATION VARIATION IN SPONTANEOUS INTERACTIONS AND INTERVIEWS IN LIBRAS

Elton John de Almeida Silva¹

RESUMO

O presente estudo tem como objetivos identificar e descrever quais são os tipos de variação de pronúncia que predominam nas produções discursivas de usuários da variante da língua brasileira de sinais utilizada na cidade de Fortaleza, além de investigar como os aspectos linguísticos e contextuais influenciam a variação articulatória nesses sujeitos. Para isso foram analisados quatro vídeos correspondendo aos gêneros textuais interações espontâneas entre surdos e entrevista em Libras, selecionando-se os elementos linguísticos que apresentam variação articulatória, nos parâmetros dos sinais, mas que não acarretam implicações semânticas ao discurso. Esses dados foram analisados com base em autores como Xavier e Barbosa (2013, 2014), Xavier (2016, 2019), Quadros (2004), Liddell (2003), Liddell e Johnson (1989) e Nilsson (2007). Os resultados apontam que a alteração de localização, a mudança de configuração de mão e a variação no número de mãos, são os fatores variacionistas que apresentaram maior ocorrência nos dados analisados. Sendo que o condicionamento contextual se mostrou como elemento de maior influência nas variações linguísticas encontradas em contextos, essencialmente, espontâneos. Também se constatou que o fragmento de sinal, pode apresentar um alto grau de ocorrência, em gêneros textuais de caráter opinativo e que pode se constituir como um elemento de condicionamento fonético e influenciar a variação articulatória nos sinais, quando ocorre com itens lexicais bimanuais.

PALAVRAS-CHAVE: Variação de pronúncia. Condicionamento fonético e extralingüístico. Fragmento de sinal. Língua brasileira de sinais.

ABSTRACT

The present study aims to identify and describe which types of pronunciation variation predominate in the discursive productions of users of the variant of Brazilian sign language used in the city of Fortaleza, in addition to investigating how linguistic and contextual aspects influence articulatory variation in these subjects. For this, four videos were analyzed corresponding to the textual genres spontaneous interactions between deaf people and interview in Libras, selecting the linguistic elements that present articulatory variation, in the parameters of the signs, but that do not entail semantic implications to the speech. These data were analyzed based on authors such as Xavier and Barbosa (2013, 2014), Xavier (2016, 2019), Quadros (2004), Liddell (2003), Liddell and Johnson (1989) and Nilsson (2007). The results point out that the alteration of location, the change of hand configuration and the variation in the number of hands are the variational factors that presented the highest occurrence in the analyzed data. Contextual conditioning proved to be the most influential element in linguistic variations found in essentially spontaneous contexts. It was also found that the sign fragment can present a high degree of occurrence in textual genres of an opinionated nature and that it can constitute an element of phonetic conditioning and influence the articulatory variation in the signs, when it occurs with bimanual lexical items.

KEYWORDS: Pronunciation variation. Phonetic and extralinguistic conditioning. Signal fragment. Brazilian sign language.

¹ Universidade Federal do Ceará (UFC), eltonjohn@ufc.br, <https://orcid.org/0000-0002-3182-1050>.

1. Introdução

A variação linguística é um fenômeno que ocorre em qualquer língua natural e sua abrangência pode abarcar diversos aspectos linguísticos, tais como fonéticos, fonológicos ou lexicais do idioma. Assim, os usuários de uma língua podem apresentar variações de pronúncia, de vocabulário e de outros aspectos relacionados a fatores morfológicos, sintáticos e discursivos, dependendo de sua localização geográfica, de sua faixa etária, de sua classe social, do grau de formalidade das interações ou de outros elementos extralinguísticos que condicionam suas produções discursivas.

Quando nos referimos às línguas sinalizadas, estes aspectos também são válidos. Uma vez que essas línguas também sofrem condicionamentos de fatores contextuais, discursivos e articulatórios, que são essenciais na variação linguística dos usuários de uma língua. No caso específico da língua brasileira de sinais (Libras), pesquisadores como Xavier e Barbosa (2014) mostram que a variação linguística é uma realidade bastante frequente nesta língua, podendo se manifestar entre usuários diferentes ou na produção discursiva de um mesmo indivíduo. Assim, ao descreverem ocorrências de variação linguística nesta língua, os dois autores mostram que um mesmo item lexical pode apresentar diferentes formatos de mão (Configuração de mão), ser realizado em pontos diferentes do corpo e do espaço de sinalização (Localização), estar voltado para uma direção diferente da qual, normalmente, é utilizada para a produção do sinal (Orientação), ser realizado com um movimento diferente do qual geralmente é produzido ou apresentar uma alteração no número de mãos com as quais é articulado, sem que essas alterações acarretem oposições semânticas, nas diferentes ocorrências do item lexical.

Xavier e Barbosa (2014) chamam esse tipo de variação linguística de *variação na pronúncia dos sinais*, remetendo às diferentes formas que os itens lexicais, das línguas sinalizadas, podem assumir nas produções linguísticas dos usuários, sem que haja implicações para o significado dos lexemas.

Os citados autores mostram ainda que estas variações articulatórias dos sinais podem ser desencadeadas por fatores que envolvem desde condicionamentos linguísticos, situacionais, a elementos estilísticos e características sociais inerentes aos usuários da língua.

O foco do presente estudo, no entanto, está centrado nos dois primeiros tipos de condicionamento: o linguístico e o situacional (contextual). Assim, tem-se como objetivos identificar e descrever quais são os tipos de variação de pronúncia que predominam nas produções discursivas de usuários da variante linguística da Libras utilizada na cidade de Fortaleza. E também analisar os condicionamentos linguísticos e contextuais que influenciam a variação de pronúncia nesses sujeitos.

O conteúdo para a análise deste estudo foi escolhido com base no referencial teórico que aponta que as interações espontâneas e a maior intimidade entre os interlocutores favorecem a ocorrência de variação linguística (Hoopes, 1998; Xavier; Barbosa, 2014). Assim, selecionamos o material correspondente aos gêneros textuais *interações espontâneas* e *entrevistas em Libras*, presentes em registros de vídeos disponíveis na plataforma de domínio público *Youtube*. O material contém interações discursivas entre sinalizadores nativos da Libras (surdos) e também um usuário fluente nesta língua (um intérprete ouvinte), todos residentes na capital cearense.

Para a análise inicial do material tomou-se como base autores como Xavier e Barbosa (2013, 2014), Xavier (2016, 2019), Diniz (2010) e Quadros (2004). O estudo, no entanto, deparou-se com a ocorrência de um tipo de variação articulatória não descrita na fundamentação teórica inicial. No sentido de que alguns indivíduos permaneciam com uma das mãos *parada no ar* (em geral a mão não-dominante) enquanto produziam sinais com a outra mão. Desta forma, mostrou-se necessário a ampliação do referencial teórico, pois, embora essa *mão flutuante* não apresentasse consequências semânticas para o discurso, ela, em alguns casos, influenciava alterações na pronúncia dos sinais contíguos, especialmente, no que se refere ao número de mãos com os quais estes sinais eram articulados.

Liddell (2003) e Liddell e Johnson (1989) caracterizam essa *mão flutuante*, que não apresenta implicações semânticas ao discurso, como sendo um caso de *fragmento de sinal*. Este elemento, segundo esses autores, seria comum quando um sinal produzido com apenas uma mão (sinal monomanual) vem após um item lexical produzido com ambas as mãos (sinal bimanual). Isso ocorreria porque, segundo Liddell (2003), embora a mão não-dominante do sinal bimanual precedente não seja necessária para a articulação do sinal seguinte (monomanual), ela preserva a configuração de mão do sinal anterior, no espaço de sinalização, em vez de retornar à sua posição de repouso.

A análise dos dados, no entanto, mostra que as características de alguns dos *fragmentos de sinais*, encontrados no *corpus*, apresentam especificidades que vão além das descritas por Liddell (2003) e Liddell e Johnson (1989), ocorrendo com sinais bimanuais e influenciando variações na pronúncia desses itens lexicais.

Nas próximas seções apresentamos as etapas de desenvolvimento, os dados do estudo e sua respectiva análise. Assim, a próxima parte é dedicada às considerações metodológicas acerca dos critérios de seleção do *corpus*, da coleta dos dados, bem como à apresentação de informações referentes aos sujeitos participantes da pesquisa. A terceira parte traz a apresentação e a análise dos dados, mostrando um inventário sucinto do número de ocorrências de variação linguística, encontradas no *corpus*, além de analisarmos elementos de variação de pronúncia dos sinais a partir da descrição de suas ocorrências. As considerações finais do estudo constituem a quarta e última parte.

2. Metodologia

O *corpus* selecionado para este estudo é composto por 4 (quatro) vídeos extraídos da plataforma de domínio público *Youtube*², dois deles correspondendo ao gênero textual *interação espontânea/informal entre surdos* e os outros dois ao gênero *entrevista em Libras*. Este referido material corresponde a um total de vinte minutos e quatorze segundos de gravações.

O primeiro critério de seleção utilizado para a escolha do *corpus* foi apresentar a variante da Libras utilizada na cidade de Fortaleza. Assim, foi utilizado o motor de busca da plataforma *Youtube*, pesquisando-se pelo termo *Instituto Cearense de Educação de Surdos (ICES)*. A partir dos resultados

² Na época de realização da pesquisa, os quatro vídeos selecionados estavam disponíveis nos *links* a seguir, apresentando status de domínio público: <https://youtu.be/7Fi7ZFv1-PY>; <https://youtu.be/0TZq7wI5a1U>; <https://youtu.be/GJSdeGpe2hA>; <https://youtu.be/hPB9c7F-bCY>.

Do condicionamento contextual ao fragmento de sinal: uma análise da variação de pronúncia em interações espontâneas e entrevistas em Libras obtidos, ampliou-se a pesquisa analisando-se os demais vídeos, em Libras, publicados nos perfis dos usuários da plataforma, listados no resultado da busca.

A filtragem desse material tomou como base a hipótese do referencial teórico que aponta que interações espontâneas e a familiaridade entre os interlocutores favorecem a ocorrência de variações linguísticas (Hoopes, 1998; Xavier; Barbosa, 2014), Assim, selecionou-se o material pertencente a um gênero informal (*interações espontâneas/informais entre surdos*) e a outro mais formal (*entrevistas em Libras*).

Os vídeos selecionados foram então extraídos da plataforma *Youtube*, através de *Download*, com o auxílio do aplicativo *a tube cach*, passando-se então à etapa de tratamento do material, com uma revisão minuciosa dos conteúdos, utilizando-se a funcionalidade de redução de velocidade de exibição dos quadros, com *Software* de visualização de vídeo *VLC media player*.

A análise do *corpus* priorizou a busca por ocorrências de variação linguística que não acarretam modificações semânticas dos itens lexicais, ou seja, casos que se configuram com o que Xavier e Barbosa (2014) chamam de *variação na pronúncia dos sinais*. Os itens lexicais e sintáticos, que preenchiam tal requisito, foram registrados, inicialmente, através de mecanismos captura de tela (*print*), contendo imagens fotográficas com os quadros extraídos dos vídeos, para facilitar a identificação e análise das ocorrências. Para a utilização deste material, como exemplo ilustrativos, no corpo do presente texto, no entanto, tais itens foram transcritos para a escrita de sinais SignWriting – SW (Nobre, 2011), com suas respectivas notações em língua portuguesa (Felipe; Monteiro, 2007). Esta transcrição fez-se necessária uma vez que os dados do estudo são constituídos por conteúdos de imagens em movimento e a escrita de sinais SW permite minimizar a perda de elementos significativos que ocorrem quando os dados são apresentados utilizando-se apenas registros fotográficos simples.

Os dados obtidos no *corpus* foram analisados, inicialmente, com base no referencial teórico adotado (Xavier; Barbosa, 2013, 2014; Xavier, 2016, 2019), que previa a existência de cinco categorias de variação articulatória: a) alteração na configuração de mão; b) mudança na localização do sinal (*Redução*); c) diminuição no número de mãos para a realização do sinal (*Simplexificação*); d) modificação no movimento do sinal; e e) alteração na orientação convencional da mão. A análise do *corpus*, no entanto, mostrou a existência de um novo elemento envolvido nas ocorrências de variação de pronúncia dos sinais, exigindo-se, assim, a ampliação do referencial teórico para analisar adequadamente o novo elemento variacionista. Tal elemento era caracterizado pela permanência da mão não-dominante, de um sinal anterior, no momento de produção de um novo sinal. Recorreu-se então aos conceitos de *fragmento de sinal* (Liddel, 2003; Gabarró-Loópez; Meurant, 2013) para a análise da referida ocorrência, que não gerou uma nova categoria de variação linguística, mas se caracterizou como um condicionante variacionista.

No que se refere às características do material utilizado no *corpus*, os dois primeiros vídeos analisados foram registrados pelos próprios interlocutores, em um passeio a lugar público³ (*vídeo 1*,

³ O registro do *vídeo 1* inclui o deslocamento de ônibus do participante D.I., com outras duas amigas surdas, e o encontro deles com outros amigos e colegas de classe surdos, na parada de ônibus e no interior de um *Shopping Center*. Contextos comunicativos estes que colocavam os interlocutores na presença de outras pessoas (transeuntes) que não eram surdas.

11 min. 32 seg.) e em uma confraternização no ambiente escolar⁴ (*vídeo 2*, 2 min. 58 seg.), em uma instituição pública de ensino bilíngue na cidade de Fortaleza. Nessas duas situações, o participante identificado como D.I., no quadro 1, abaixo, segurava o dispositivo de gravação (um aparelho de telefone celular) para realizar os registros de sua própria sinalização e de seus interlocutores. Já os vídeos da modalidade *entrevista* foram registrados por uma terceira pessoa, que não aparece nos registros de filmagem, e também foram realizados nas dependências da citada escola bilíngue⁵ (*vídeo 3*, 3 min.) e de uma instituição especializada em apoio aos surdos na capital cearense⁶ (*vídeo 4*, 3 min. 55 seg.).

Os dados extraídos do *corpus* selecionado contemplam a sinalização de 8 (oito) sujeitos, em faixas etárias que variam de 15 e 35 anos e com grau de escolarização que vai da segunda etapa do ensino fundamental ao ensino superior. Como podemos ver no quadro resumo abaixo:

Quadro 1: Dados dos participantes da pesquisa

NOME	SEXO	STATUS LINGUÍSTICO	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE	CONTEXTO COMUNICATIVO
D.I.	masculino	Surdo sinalizante	17	3º ano ensino médio	Participava de confraternização em ambiente escolar (<i>vídeo 2</i>), segurando um celular para gravar sua sinalização e a interação com outros colegas surdos, além de consumir alimentos em alguns momentos de sinalização.
B.R.	feminino	Surda sinalizante	17	3º ano ensino médio	Participava de confraternização em ambiente escolar (<i>vídeo 2</i>) e segurava um alimento, enquanto sinalizava para seu colega de classe surdo.
S.I.	feminino	Surda sinalizante	17	3º ano ensino médio	Participava de confraternização em ambiente escolar (<i>vídeo 2</i>) enquanto sinalizava para seu colega de classe surdo.
S.N.	feminino	Surda sinalizante	17	3º ano ensino médio	Participava de confraternização em ambiente escolar (<i>vídeo 2</i>) e segurava um alimento enquanto sinalizava para seu colega de classe surdo.
S.D.	feminino	Surda sinalizante	17	3º ano ensino médio	Participava de confraternização em ambiente escolar (<i>vídeo 2</i>) enquanto sinalizava para seu colega de classe surdo.
C.C.	masculino	Surdo sinalizante	15	1º ano Ensino Médio	Entrevistado em Libras, no ambiente escolar, por um visitante (intérprete ouvinte) fluente na língua de sinais, com a presença de outros colegas de classe surdos, mas em uma situação formal de interação (<i>vídeo 3</i>)
M.R.	masculino	Surdo sinalizante	20	Ensino Fundamental incompleto	Entrevistado em Libras por um visitante (intérprete ouvinte) fluente em Libras, no ambiente de uma instituição de apoio aos surdos, em uma situação mais descontraída de interação. (<i>vídeo 4</i>)
N.C.	masculino	Intérprete ouvinte	35	Ensino Superior	Entrevistou os participantes C.C. e M.R. (<i>vídeo 3, 4</i>) em uma instituição de ensino bilíngue e em um centro de apoio aos surdos, respectivamente.

⁴ Este contexto comunicativo desenvolveu-se no interior de uma sala de aula, sendo possível observar no vídeo que todos os presentes são colegas de classe surdos.

⁵ O referido vídeo fora gravado no interior de uma sala de aula da instituição, com a presença de vários alunos surdos.

⁶ A interação comunicativa do vídeo desenvolveu-se em uma área externa, na lateral do pátio de recreação da referida entidade, com a presença de três pessoas, sendo possível, no entanto, perceber que havia outras pessoa longe.

Do condicionamento contextual ao fragmento de sinal: uma análise da variação de pronúncia em interações espontâneas e entrevistas em Libras

3. Análise dos dados

O estudo identificou 35 (trinta e cinco) ocorrências de variação articulatória nos sinais do *corpus* analisado. Deste total, 18 (dezoito) ocorrências correspondem a *variação de pronúncia nos sinais* (Xavier; Barbosa, 2014), nas categorias: mudança na configuração de mão; alteração na localização do sinal; diversificação do movimento; permutação na orientação da mão; e alteração no número de mãos. Os 17 (dezesete) casos restantes referem-se a ocorrências de *fragmento de sinal* (Liddel, 2003). A análise mostrou, no entanto, que apenas 1 (um) desses casos apresentou influência articulatória em um sinal contíguo, caracterizando-se como *variação de pronúncia*. Os gráficos 1 e 2 mostram a distribuição das ocorrências de variação de pronúncia nos dados do estudo, organizados por categoria variacionista e por gênero textual.

Gráfico 1: Categorias de variação de pronúncia.

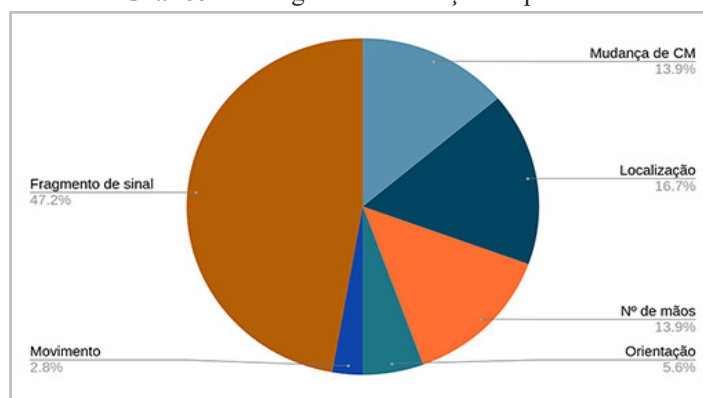
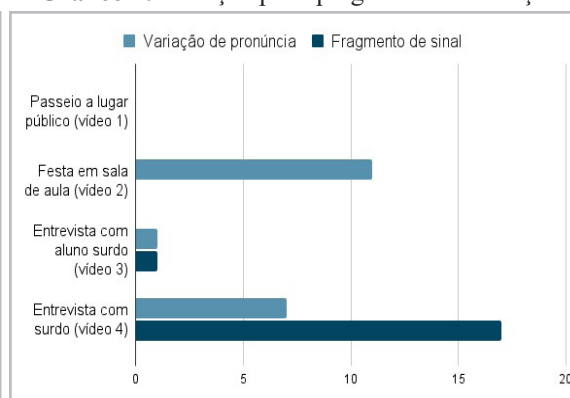


Gráfico 2: Variação por tipo/gênero de interação



Fonte: Elaboração do autor

3.1. Variação de configuração de mão

Foram encontrados nos dados três ocorrências de variação de Configuração de Mão (CM). Como se pode ver nas figuras 1a, 1b, 2a, 2b, 3a e 3b.

Figura 1a: Sinal de PESSOA com CM em “V”



Figura 1b: Formas de citação do sinal de PESSOA

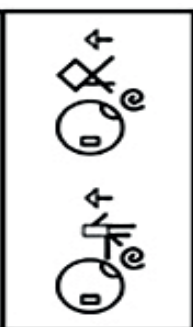


Figura 2a: Sinal de HORRÍVEL com CM em formato de ‘D’



Figura 2b: Formas de citação do sinal de HORRÍVEL



Figura 3a: Sinal de INSCRIÇÃO com o polegar distendido



Figura 3b: Formas de citação do sinal de INSCRIÇÃO



Fonte: Elaboração do autor

Na figura 1a temos uma dupla variação na articulação do sinal de PESSOA, que apresenta uma *configuração de mão* com o formato da letra ‘V’ – na Libras – contrastando com as configurações mais convencionais em ‘P’ ou com o dedo médio flexionado, como mostrados na figura 1b. Também se percebe que a *orientação* convencional do sinal aparece alterada: à medida em que a palma da mão está voltada para o lado esquerdo, ao invés de apontar para trás, como nos exemplos mais corriqueiros do sinal, representados na figura 1b.

No caso específico da ocorrência da figura 1a, o item lexical foi extraído de um contexto de interação comunicativa ocorrido em uma comemoração festiva realizada em sala de aula, ou seja, de uma situação comunicativa informal, na qual o sinalizador principal (Identificado como D.I. no *quadro 1*) possuía bastante familiaridade com seus interlocutores, tecendo comentários e fazendo perguntas a seus colegas sobre os acontecimentos do referido evento social.

Esse contexto situacional foi responsável por inúmeras outras ocorrências de variações de pronúncias dos sinais, tanto por parte do sinalizador principal D.I. como de suas interlocutoras S.I., B.R., S.N. e S.D. Pois a situação vivenciada (uma comemoração na qual também havia comida e bebida) acarretava dificuldades para a articulação dos sinais por parte dos interlocutores – *condicionamento contextual* – gerando alterações na produção dos sinais. Especialmente devido ao fato de que o sinalizador principal D.I. segurava o dispositivo de gravação (um aparelho de telefone celular) com uma das mãos, para gravar a si mesmo e a seus colegas, enquanto sinalizava com a outra mão. Seus interlocutores, em geral, também estavam com uma das mãos ocupadas segurando comida ou bebida. Situações essas que interferiam, essencialmente, na articulação de sinais produzidos com ambas as mãos, o que não é o caso do sinal da figura 1a (PESSOA), que é articulado na Libras apenas com uma das mãos. Assim, devemos procurar a motivação variacionista, encontrada neste sinal da figura 1a, em outros fatores que favoreçam a alteração na configuração de mão (CM).

Hoopes, 1998 e Xavier e Barbosa, 2014 apontam que a ocorrência de variação na CM, em geral, é influenciada por fatores extralinguísticos. Neste sentido, o primeiro autor, ao fazer uma pesquisa com participantes usuários da Língua Americana de Sinais (ASL), aponta que a variação da configuração de mão é favorecida pela *maior ou menor intimidade dos sinalizadores com seus interlocutores*. Dessa forma, ele mostra que a maior ocorrência na distensão do dedo mínimo, na produção dos sinais da ASL, ocorre quando há uma maior familiaridade entre os interactantes. Caso este que se coaduna com a sinalização espontânea presente na situação da figura 1a, em análise, na qual o participante D.I. encontrava-se em um ambiente descontraído, na presença apenas de colegas de classe surdos com os quais possuía intimidade e tinham sua mesma faixa etária.

Já no que se refere ao caso da figura 2a, encontrada na interação comunicativa da sinalizadora S.N., há uma alteração na configuração de mão do sinal de HORRÍVEL, realizado com uma CM em formato da Letra ‘D’ – na Libras. Esta variação é desencadeada por um *condicionamento contextual*, no caso, um impedimento articulatório que interferiu na produção do referido sinal.

Do condicionamento contextual ao fragmento de sinal: uma análise da variação de pronúncia em interações espontâneas e entrevistas em Libras

Nesse ponto é importante lembrar que os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos. Mas, também os movimentos do corpo e da face podem desempenhar funções linguísticas essenciais à transmissão de sentido (Quadros; Karnopp, 2004). Assim, em situações nas quais algum desses articuladores esteja submetido a um impedimento físico, serão desencadeadas alterações na produção de itens lexicais por parte do sinalizador.

Essa situação, de condicionamento contextual/articulatório, é exatamente o que acontece no exemplo da figura 2b, pois a sinalizadora S.N. segurava um alimento (um biscoito) com a mão que articulou o sinal de HORRÍVEL. Neste contexto, devido a mão estar ocupada segurando um objeto, só foi possível distender um dos dedos (o dedo indicador) para produzir o sinal desejado. Mas é bom notar que, embora a mão esteja com um formato não-usual, para aquele sinal, a participante S.N. mantém os demais parâmetros linguísticos próprios àquele item lexical – no caso, a localização, a orientação, o movimento e a expressão facial – e isso serve como guia para que seu interlocutor construa ou recupere o significado pretendido pelo emissor. Nesse contexto, de interpretação do significado, o tópico discursivo e os conhecimentos contextuais e situacionais, também, atuam para efetivar a compreensão daquele elemento que, em um primeiro momento, apresenta características incomuns, mas que pode ser plenamente compreendido, através das informações contextuais e linguísticas que se dispõe na situação de interação comunicativa.

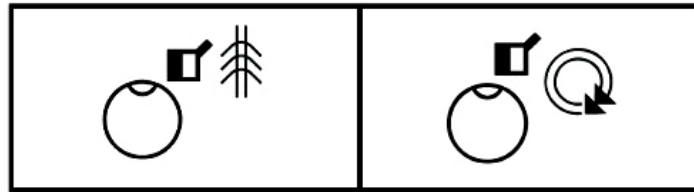
Passando-se, agora, ao caso da figura 3a, encontrada na sinalização do participante M.R., temos a ocorrência de uma variação de configuração de mão representado pela distensão do polegar, na realização do sinal de INSCRIÇÃO, em comparação ao sinal de citação para este item lexical (figura 3b), no qual não se verifica a distensão deste dedo lateral. O exemplo da figura 3a, no entanto, não apresenta condicionamentos contextuais que determinem restrições articulatórias e nem condicionamentos linguísticos, como apontados por Battison, Markowicz e Woodward (*apud* Xavier; Barbosa, 2014, p. 377) que apontam a influência do sinal subsequente ou a presença de movimento de girar o pulso como elementos favorecedores deste tipo de variação na distensão do polegar, nos sinais da ASL.

Um ponto importante a ser ressaltado é que se observou uma alternância na utilização das duas formas linguísticas, apresentadas acima (figura 3a e 3b), ao longo da produção discursiva do próprio sinalizador em questão. O contexto do qual estes exemplos foram extraídos diz respeito a uma entrevista em Libras, na qual M.R., que produziu os exemplos analisados, demonstrou um alto grau de entrosamento com o interlocutor (entrevistador) identificado como N.C., mesmo sendo a primeira vez em que ambos se encontraram. Este entrosamento agregou à entrevista um caráter descontraído com interações informais.

Outro exemplo de variação também extraído do mesmo sinalizador M.R. refere-se ao sinal de BOBAGEM, o qual apresenta uma alteração do *movimento da mão*, que deveria apresentar um movimento circular e repetitivo, na altura da testa (figura 4b), ao invés do movimento vibratório da mão, oscilando com uma semi rotação do pulso. Como podemos ver na figura 4a.

Figura 4a: Sinal de BOBAGEM com movimento vibratório

Figura 4b: Forma de citação do sinal de BOBAGEM



Fonte: Elaboração do autor

Neste caso, em analogia com o exemplo da figura 3a, não houve restrições contextuais ou linguísticas que influenciassem a variação na articulação dos sinais, devendo, então, sua motivação estar relacionada a aspectos extralinguísticos, tais como o grau de formalidade da interação ou a outros elementos não abordados neste estudo, tais como o grau de escolaridade do enunciador, sua faixa etária, entre outros aspectos, citados por Xavier e Barbosa (2014).

3.2. Redução: a mudança do local de articulação

Liddell e Johnson (1989) chamam de *redução* os casos em que há uma alteração na posição original de um sinal. Assim, esses casos podem abranger situações nas quais um item lexical, que é realizado, normalmente, em uma localização mais alta, é produzido em um ponto mais baixo do espaço de sinalização ou do corpo. Mas também engloba casos nos quais os sinais, que apresentam uma localização na parte central na face, são realizados em pontos mais laterais do rosto. (Liddell; Johnson, 1989; Xavier; Barbosa, 2014).

Liddell e Johnson (1989) mostram que, na ASL, há uma tendência de ocorrência de casos de *redução*, no processo de evolução diacrônica daquela língua de sinais, desencadeadas por possíveis tentativas dos usuários de melhorar a acuidade visual dos itens lexicais, mas os dois autores norte-americanos também mostram que elementos contextuais, como o grau de formalidade das interações, podem estar presentes neste processo. Assim, Xavier e Barbosa (2014) enfatizam que, para aqueles dois, a *redução* é um processo bastante comum nas *interações informais*. O que mostra que ela seria influenciada, essencialmente, por fatores extralinguísticos.

Na figura 5, abaixo, encontramos o sinal de ENSINO⁷ [ensino médio] sendo realizado na lateral do peito, e não na parte superior do ombro, como é costumeiro para este item lexical. Neste caso específico, não houve restrição articulatória ou condicionamento linguístico que motivasse essa alteração, podendo sua ocorrência estar associada a outros fatores, como o cansaço do sinalizador ou informalidade da sinalização (Xavier; Barbosa, 2014), uma vez que esta ocorrência foi extraída

⁷ Para maiores detalhes sobre a utilização dos elementos gráficos presentes nesta notação de sinais da Libras para a língua portuguesa, ver Felipe e Monteiro (2006).

Do condicionamento contextual ao fragmento de sinal: uma análise da variação de pronúncia em interações espontâneas e entrevistas em Libras da entrevista em Libras que apresentava um caráter informal e o sinalizador N.C. – entrevistador/ intérprete ouvinte – possui formação em nível superior na área de Letras Libras. Caso semelhante a este é encontrado na figura 6, a seguir, na qual constatamos a elevação do sinal de INTÉRPRETE a uma posição mais alta do que a convencional, sem motivação aparente, desta vez na sinalização do interlocutor surdo M.R., no vídeo da mesma entrevista. Neste caso, porém, também houve uma alteração na *orientação do sinal*, que passou a apresentar as duas mãos posicionadas no plano vertical, como podemos ver na primeira imagem da figura 6.

Figura 5: Sinal de ENSINO^MÉDIO realizado na lateral do peito e na posição convencional. Na segunda imagem em sua forma de citação.

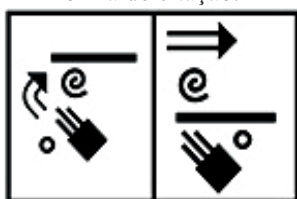


Figura 6: Sinal de INTÉRPRETE em posição mais alta e com orientações de mão diferentes e em sua forma de citação, na segunda imagem.

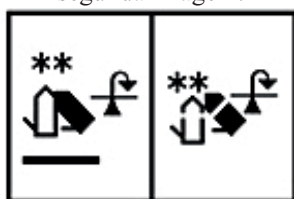
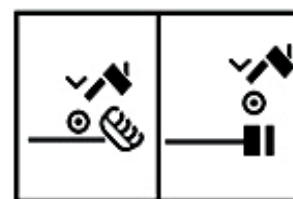


Figura 7: Sinal de BRINCAR em posição mais alta e com assimetria das mãos. Na segunda imagem em sua forma de citação.



Figura 8: Sinal de 2sCHAMAR sendo realizado no pulso e em sua forma de citação, na segunda imagem.



Fonte: Elaboração do autor

Já a figura 7, que apresenta um sinal encontrado na interação discursiva da participante S.I. com o interlocutor D.I., apresenta um deslocamento para cima do sinal de BRINCAR, alocando-o à altura do rosto/testa. Esse tipo de *redução*, vai de encontro ao que dizem Xavier e Barbosa (2014) sobre as motivações contextuais para a ocorrência desse fenômeno de variação de pronúncia. No caso em análise, a elevação do sinal ocorre para promover uma melhor acuidade visual por parte do interlocutor. Pois, no contexto da figura 7, ambos os interlocutores se encontravam distantes e em um ambiente movimentado, o que impedia a visualização adequada de sinais realizados em posições mais baixas. Note-se que também houve uma alteração na *configuração de mão* utilizada no sinal (mão esquerda, da primeira imagem da figura 7) gerando uma assimetria entre as configurações duas mãos, se comparada com a forma de citação do sinal na segunda imagem da mesma figura.

No exemplo da figura 8, temos outra ocorrência de *redução* condicionada por elementos contextuais. Neste caso, o sinal de 2sCHAMAR_{3s} [chame] é realizado na parte inferior do pulso, pela participante B.R., por impossibilidade de a sinalizadora girar o braço para realizá-lo no dorso da mão, uma vez que segurava um copo no momento da interação e poderia derramar a bebida caso girasse a mão⁸. Um claro exemplo de condicionamento articulatório motivado por indisponibilidade de uma das mãos, que tanto pode influenciar variação na localização, como no número de mãos com o qual o sinal é realizado. No caso específico do sinal de CHAMAR, apesar de ele ser bimanual,

⁸ Neste contexto percebe-se que se fosse um outro objeto, a sinalizadora poderia ter articulado o sinal utilizando a forma convencional.

as configurações das duas mãos envolvidas não são idênticas (espelhadas). Assim, a influência do condicionamento contextual tende a recair sobre o parâmetro *localização*, uma vez que o referido sinal pertence ao grupo de itens lexicais bimanuais assimétricos, que utilizam a mão não-dominante como apoio (localização) para a articulação do sinal. Mas é importante notar que a variação articulatória, também, poderia ter recaído sobre o parâmetro *arranjo de mãos* – número de mãos (Klima; Bellugi, 1979; Xavier; Barbosa, 2014), promovendo queda da mão não-dominante ou a não utilização de outro apoio corporal para a articulação do sinal. Ou seja, simplesmente, realizando o item lexical no “ar” (no espaço de sinalização), sem o convencional apoio articulatório.

3.3. Simplexificação: uma mão a menos

Segundo Xavier e Barbosa (2014, p. 379), Stokoe e Friedman listam alguns dos aspectos que podem influenciar a alteração na produção de um sinal, levando os sinalizadores a articulá-los apenas com uma das duas mãos. Esses fatores envolveriam elementos de cunho extralinguístico, tais como “a informalidade, o cansaço, a indisponibilidade de uma das mãos (por exemplo, quando uma das mãos está segurando um objeto)”. Esse fenômeno é classificado por Xavier e Barbosa (2013) como sendo exemplo de *Simplexificação sem efeito semântico*. Ou seja, quando a redução do número de mãos não influencia uma modificação no significado do sinal.

Segundo esses dois autores, *Simplexificação* também pode ser motivada por um *condicionamento fonético*, no sentido de que a produção de um sinal pode sofrer a influência do número de mãos com o qual os sinais adjacentes são produzidos. Dessa forma, uma mesma pessoa pode apresentar variação na utilização de um mesmo sinal, articulando-o com uma ou duas mãos, por influência dos itens lexicais que vem antes ou depois de um determinado sinal em suas produções discursivas (Xavier; Barbosa, 2013).

Neste contexto, em que os sinais passam a ser produzidos apenas com uma mão (*simplexificação*), por influência dos sinais próximos, os dois autores supracitados, ainda propõem mais dois tipos de classificação: a *assimilação progressiva*, quando a influência é exercida pelo sinal precedente, e a *assimilação regressiva*, quando o sinal subsequente é que exerce tal influência.

Ao analisarmos os dados observamos a ocorrência dos dois macrotipos de *simplexificação*, apresentados acima: um condicionado por elementos extralinguísticos e outro influenciado por aspectos fonéticos. Na figura 9, abaixo, encontramos um exemplo do primeiro caso, no qual o sinalizador D.I. realiza o sinal de CHATO apenas com uma mão, por não dispor da outra no momento do discurso, uma vez que segurava o aparelho de telefone celular para a gravação do vídeo. Caso análogo, também, acontece na figura 10, na qual o mesmo participante D.I. realiza sinal de COMO^{INTERROGAÇÃO} [como?] apenas com uma das mãos, por estar com a outra mão impedida de articular, pois segurava o celular para a gravação. Vale ressaltar que, no caso da figura 9, também houve uma elevação na posição convencional do sinal (*redução*), que passou a ser realizado acima do ombro, também motivado por condições contextuais, pois o sinal não seria captado pelo dispositivo de gravação caso fosse realizado em uma posição mais baixa.

Do condicionamento contextual ao fragmento de sinal: uma análise da variação de pronúncia em interações espontâneas e entrevistas em Libras

Figura 9: Sinal de CHATO, com apenas uma mão e em sua forma de citação.

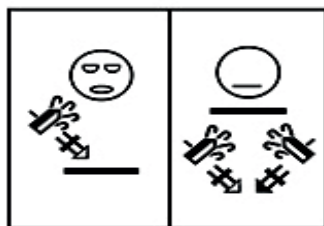


Figura 10: Sinal de COMO^{INTERROGAÇÃO}, com apenas uma mão e em sua forma de citação.

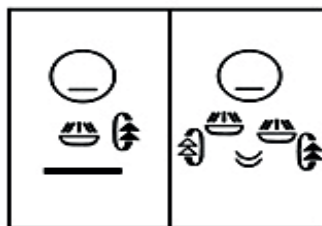
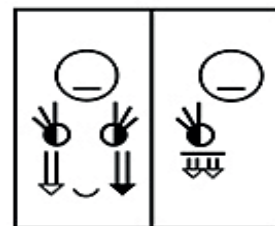


Figura 11: Sinal DEUS
 3S ABENÇOAR 2S



Figura 12: Sinal CERTEZA com duas e com uma mão



Fonte: Elaboração do autor

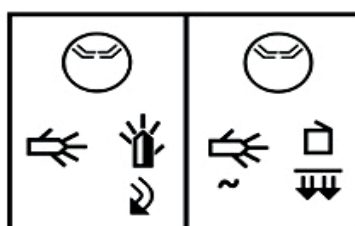
Já nos exemplos das figuras 11 e 12, acima, encontramos uma ocorrência do segundo caso de *simplexificação* citado anteriormente, no qual o contexto fonético é o responsável por influenciar a variação no número de mão com o qual um sinal é produzido (*condicionamento linguístico*). Na ocorrência da figura 11 temos o que Xavier e Barbosa (2013) chamam de *simplexificação por assimilação progressiva*, uma vez que, na frase DEUS_{3S} ABENÇOAR_{2S} [Deus o abençoe], o sinal de ABENÇOAR é articulado pelo interlocutor N.C. apenas com uma mão por influência direta do sinal antecedente – DEUS.

O mesmo condicionamento fonético determina a articulação do sinal de CERTEZA com uma ou duas mãos, na interação discursiva da participante S.D., representado na figura 12. O primeiro recorte dessa figura, mostra o sinal sendo realizado com duas mãos, por influência do sinal antecedente: MUDAR [MUDAR CERTEZA], Já o segundo recorte da figura traz o mesmo sinal sendo articulado apenas com uma mão, isso por conta da assimilação do número de mãos do item lexical precedente: NÃO^LIGAR / NÃO^ME^IMPORTAR [não ligo / não me importo], que era realizado apenas com uma mão. ou seja, um caso de *simplexificação por assimilação regressiva*, segundo Xavier e Barbosa (2013).

3.4. Fragmento de sinal: a mão que não repousa

Na figura 13, apresentamos mais uma ocorrência de variação articulatória extraída de uma das entrevistas que compõem o *corpus* do estudo, neste caso, ocorrida na sinalização do participante C.C. (*vídeo 3*). Na imagem encontramos a frase: LIBRAS PRECISAR [Precisa-se da Libras].

Figura 13:
 LIBRAS PRECISAR



Fonte: Elaboração do autor

Ao observar a imagem, percebe-se que este exemplo apresenta um caso de *simplexificação*, à medida que houve uma alteração no número de mãos com o qual o sinal de PRECISAR é realizado – no caso apenas com uma mão, por influência do sinal anterior – LIBRAS. Porém, não podemos classificá-lo como *assimilação progressiva* (Xavier; Barbosa, 2013), pois, não houve assimilação do número de mãos do sinal anterior já que este é *bimanual*.

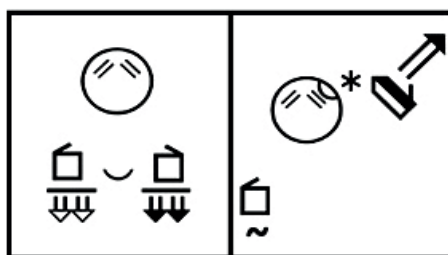
Neste ponto, devemos notar que também houve a ocorrência de um segundo elemento simultâneo, representado pela permanência da configuração da mão não-dominante do sinal anterior, no momento de realização do sinal seguinte – PRECISAR. Como se pode observar na segunda imagem da figura 13, em que a mão esquerda aparece aberta com os dedos espalmados – CM do sinal LIBRAS – e a mão direita apresenta um formato que representa a letra “a” na língua brasileira de sinais – CM do sinal PRECISAR.

O que se percebe, no entanto, é que, embora, essa articulação simultânea das configurações de mãos de dois sinais diferentes tenha influenciado uma variação linguística no novo sinal que está sendo articulado, a *CM persistente* parece não desempenhar nenhuma função semântica na oração.

Liddell (2003) classifica esse tipo de ocorrência como sendo um exemplo de *fragmento de sinal*. Uma vez que a CM do sinal anterior permanece *preservada* no sinal seguinte – mantém uma presença física no espaço de sinalização – sem haver nenhuma implicação semântica para o discurso. Porém, segundo o autor norte-americano, esses casos são comuns quando os usuários das línguas sinalizadas produzem um sinal de duas mãos (bimanual) e, em seguida, um sinal de uma mão (monomanual), uma vez que, segundo ele, a mão não-dominante pode manter a configuração do sinal anterior, de duas mãos, enquanto a mão dominante produz o sinal seguinte, monomanual (Liddell, 2003, p. 248). No caso específico da figura 13, no entanto, a ocorrência do fragmento de sinal aparece no momento da realização de um *sinal bimanual* e influencia uma variação linguística neste mesmo sinal. Fenômeno este não descrito nos casos abordados por Liddell, mas que se mostrou relevante para a variação de pronúncia dos sinais da Libras, quando ocorre com sinais bimanuais.

A pesquisa encontrou mais 15 (quinze) ocorrências de permanência da mão não-dominante no momento de realização de outros sinais, todos na sinalização do participante M.R. Como o exemplificado na figura 14:

Figura 14: PRECISAR PRINCIPAL [Precisa principalmente]



Fonte: Elaboração do autor

Do condicionamento contextual ao fragmento de sinal: uma análise da variação de pronúncia em interações espontâneas e entrevistas em Libras

Neste exemplo, assim como nas demais ocorrências encontradas, na sinalização do participante M.R, não se verifica, no entanto, nenhuma influência do fragmento de sinal que determine variação articulação dos parâmetros linguísticos dos sinais que os acompanham. Pois, diferentemente do caso da figura 13, em que a permanência da CM da mão não-dominante determinou a variação do número de mão do sinal subsequente, nestes demais exemplos, de fragmento de sinal, o item posterior, de todos os itens sintáticos encontrados, é representado por um *sinal monomanual* – sinais realizados apenas com uma mão. Nestes casos, Liddell (2003) afirma que a mão dominante continua produzindo sinais normalmente, mesmo que a não não-dominante do sinal anterior se mantenha no espaço de sinalização.

Uma análise mais aprofundada, desses novos casos encontrados na pesquisa, é necessária, no entanto, para determinar se estes fragmentos de sinais possuem ou não implicações semânticas para o discurso ou, mesmo, se correspondem a algum outro aspecto linguístico das línguas de sinais, tais como a *manutenção do tópico discursivo* (Nilsson, 2007) ou se estão relacionados a marcadores de hesitação nestas línguas, no sentido de que se verificou que os fragmentos de sinais tendiam a aparecer no discurso, nos momentos em que o interlocutor M.R. parecia estar absorto refletindo sobre o conteúdo que estava sinalizando – o que já aponta para novos temas de pesquisa. O que se constatou, no entanto, é que o fragmento de sinal pode se caracterizar como um condicionante fonético, em contexto em que ocorre com sinais bimanuais.

Os dados também corroboram com a hipótese defendida pelo referencial teórico de que os contextos de interação informais favorecem a ocorrência de variações linguísticas. No entanto, também mostraram que o condicionamento contextual pode exercer uma maior influência nas variações de pronúncia dos sinais que outros fatores, nas interações essencialmente espontâneas. Além disso, também demonstraram que os *fragmentos de sinais* apresentam maior ocorrência em gêneros textuais de caráter mais formal e opinativo.

Considerações finais

Este estudo analisou os principais tipos de variação de pronúncia presentes em interações espontâneas e na modalidade entrevista em Libras, com usuários da variante da língua brasileira de sinais utilizada na cidade de Fortaleza. Os resultados mostraram a ocorrência de 6 (seis) categorias variacionistas, a saber: i) alteração de localização; ii) mudança na configuração de mão; iii) variação no número de mão; iv) permutação de movimento; v) inversão de orientação; e vi) fragmento de sinal. Dessas categorias, apenas as cinco primeiras caracterizam-se como elementos de *variação de pronúncia* (Xavier; Barbosa, 2014), ao promoverem alterações nos parâmetros linguísticos dos sinais, sem acarretar implicações semânticas a esses itens lexicais.

A análise desses casos de variação de pronúncia identificou uma predominância numérica nas ocorrências das três primeiras categorias apresentadas. Sendo que a *alteração de localização* e a *mudança na configuração de mão* demonstraram estar relacionadas a elementos extralingüísticos, sejam de caráter sócio-identitário, ou de condicionamentos articulatórios. Já a categoria *variação no número de mão* mostrou-se heterogênea em suas concorrências, estando relacionada tanto a elementos extralingüísticos/articulatórios como a condicionamentos fonéticos.

Neste contexto, a *alteração de localização* e a *variação no número de mão* apresentaram ocorrências em sujeitos de todas as faixas etárias e escolarização analisadas no estudo, também estando inter-relacionadas através do fator informalidade da interação comunicativa. A *mudança na configuração de mão*, por sua vez, demonstrou maior recorrência em faixas etárias inferiores a 20 (vinte) anos de idade, em sujeitos com escolarização que vai até o terceiro ano do ensino médio, em situações de interação informal com ou sem condicionamentos articulatórios. Podendo haver uma inter-relação entre o grau de formalidade das interações e opções estilísticas, próprias à faixa etária em questão, nos casos em que as *variações de pronúncia*, que envolvem a mudança na configuração de mão, não são decorrentes de condicionamentos articulatórios.

Quando se trata da sexta categoria identificada nos dados – fragmento de sinal – ela demonstrou pertencer a um grupo de condicionantes fonéticos que podem influenciar a variação de pronúncia dos sinais da Libras. A exemplo do parâmetro *arranjo de mãos* (número de mãos) com os quais os sinais adjacentes são articulados.

Dessa forma, o estudo identificou que, além dos *condicionamentos fonéticos* (número de mãos dos sinais adjacentes) e *extralinguísticos* (impedimento articulatório, grau de formalidade das interações e aspectos socioeconômicos dos indivíduos), o *fragmento de sinal* também é um elemento que pode influenciar a variação de pronúncia na Libras, quando ocorre concomitantemente a sinais bimanuais.

Os resultados do estudo também apontam que a familiaridade entre os interlocutores e as interações mais espontâneas e informais influenciam a ocorrência de variação de pronúncia – corroborando com a hipótese defendida pelo referencial teórico. Os dados analisados mostram, no entanto, que, nas interações essencialmente espontâneas, o *condicionamento contextual* – representado por impedimentos articulatórios – exerceu um peso maior nas variações de pronúncia dos sinais do que outros elementos extralinguísticos, como os apontados por Xavier e Barbosa (2014), ou por elementos estritamente fonéticos.

Também se observou que não houve nenhuma ocorrência de *fragmento de sinal* nos dados inerentes ao gênero textual *interação espontânea*. O referido elemento manifestou-se, exclusivamente, nas interações do gênero discursivo *entrevista em Libras*. O presente estudo não tinha como objetivo investigar as motivações para tal ocorrência, e isso já aponta para temas a serem desenvolvidos em pesquisas futuras. No entanto, observou-se que, quando o gênero textual *entrevista em Libras* apresentou um caráter mais informal, os exemplos de fragmentos de sinais alcançaram um número de 16 ocorrências (95% dos casos encontrados no estudo). O que reforça a ideia de que interações mais descontraídas favorecem a ocorrência desse tipo variação linguística (fragmento de sinal).

Esperamos que, ao final deste estudo, possamos ter contribuído para a área de descrição dos fenômenos linguísticos presentes na língua brasileira de sinais e em especial para a ampliação dos estudos da variante desta língua utilizada na capital do estado do Ceará, Fortaleza. Também esperamos que os dados e questões suscitadas, neste texto, possam incentivar novas pesquisas que aprofundem os temas aqui levantados.

Referências

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. *Libras em contexto: curso básico - livro do professor*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 6. ed.

GABARRÓ-LÓPEZ, Sílvia; MEURANT, Laurence. The Use of Buoys Across Genres in French Belgian Sign Language. *IXème colloque de linguistique des doctorands et jeunes chercheurs du Laboratoire MoDyCo (COLDOC 2013): La question des genres à l'écrit et à l'oral*. Paris, France, 2013. pp. 43-54.

HOOPES, Rob. "A preliminary examination of pinky extension: Suggestions regarding its occurrence, constraints, and function". In.: LUCAS, Ceil. (org.). *Pinky extension and eye gaze: Language use in Deaf communities*, Washington, DC: Gallaudet University Press, pp. 3-17, 1998

KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursulla. *The Signs of Language*, Cambridge, MA.: Harvard University Press, 1979.

LIDDELL, S. K; JOHNSON, R. E. American Sign Language: The Phonological Base. *Sign Language Studies*, [s.i.], v. 64, 1989, pp. 195-277.

LIDDELL, S. *Grammar, gesture and meaning in american sign language*. New Your: Cambridge University Press, 2003.

NILSSON, Anna-Lena. The non-dominant hand in a Swedish Sign Language discourse. In. VERMEERBERGEN, M.; LEESON, L.; CRASBORN, O. (org.). *Simultaneity in Signed Languages*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. [s.i.], 2007. pp. 163-185. Disponível em: <https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:186732/FULLTEXT01.pdf>. Acesso em: 20 de abr. 2023.

NOBRE, Rundesth Sabóia. *Processo de grafia da língua de sinais: uma análise fono-morfológica da escrita em signwriting*. 2011. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2011.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. P. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

XAVIER, André Nogueira. A variação na produção de sinais da Libras à luz da fonologia gestual. *GRADUS – Revista de Fonologia de Laboratório*, [s.i.], v.1. n. 1. dez./2016. Disponível em: <https://gradusjournal.com/index.php/gradus/article/view/5/8>. Acesso em: 20 abr. 2023.

XAVIER, André Nogueira. BARBOSA, Plínio Almeida. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. *D.E.L. T.A.*, [s.i.], n. 30.2, pp. 371-413, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/cYCVmbdCbXmQXCRMK9yDjWP/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2023.

XAVIER, André Nogueira. BARBOSA, Plínio Almeida. Com quantas mãos se faz um sinal? Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais na Língua Brasileira de Sinais (Libras). *Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura*, [s.i.], v. 15, n. 1, 2013. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/5286>. Acesso em: 20 abr. 2023.